

# UM CONTO DE DUAS CIDADES: ENSAIO SOBRE A MOBILIZAÇÃO PARA A GUERRA NA ATENAS CLÁSSICA E NA PARIS DA PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL\*

GUILHERME MOERBECK<sup>1</sup>

**Resumo:** Este ensaio definitivamente é um pastiche, envolve reflexões cruzadas que tive durante o mestrado, doutorado e por ocasião de um convite para uma mesa redonda no Museu Naval do Rio de Janeiro, que concernia aos cem anos da Primeira Guerra Mundial. Na primeira parte, discutirei aspectos gerais sobre os combates bélicos, com ênfase nos processos de identificação étnica e como esse elemento se constitui como catalizador para as formas de mobilização para a guerra. Na segunda parte, focarei os problemas relativos à apropriação, no mundo contemporâneo, de uma ideologia heroica antiga acerca da guerra que foi expressa, sobretudo, em certos círculos alemães nos anos que antecederam a Primeira Guerra Mundial; foi o que chamei de latência do heroico. Na terceira parte, estabeleço aproximações entre a guerra e as estratégias de identificação, que utilizam o elemento étnico como fomentador da alteridade.

**Palavras-chave:** Guerra; Identidade; Grécia Clássica; Primeira Guerra Mundial; Arte; Tragédia Grega.

## A GUERRA E A HUMANIDADE: PROCESSOS DE IDENTIFICAÇÃO

Para o antropólogo Ernest Gellner (1997, p. 166), é possível dividir a forma como a guerra foi feita pela humanidade em três modelos. No primeiro, ela seria contingente e opcional – como no caso de sociedades pré-históricas. No segundo, obrigatória e normativa – este diz respeito ao caso das sociedades antigas. E, no derradeiro modelo, próprio das sociedades contemporâneas define-se um tipo de guerra opcional, contraproducente e potencialmente fatal à referida sociedade<sup>2</sup>.

A passagem do primeiro para o segundo dá-se quando surge a produção e o armazenamento de alimentos e artefatos de luxo. Concomitantemente, inexistente um programa sistemático de aprimoramento tecnológico. Nestas sociedades, a valorização do guerreiro ocorria devido à *riqueza [que] poderia ser*

<sup>1</sup> Doutor em História pela UFF e *Visiting Research Fellow* no *Department of Classics* da Brown University. Pós-doutor em Ensino de História pelo PPHPBC do CPDOC/FGV-Rio. Atualmente, é professor de História da Arte e Arquitetura no Departamento de Arquitetura e Urbanismo da ESDI/UERJ e também é pesquisador de pós-doutorado no Laboratório de Estudos Sobre a Cidade Antiga – LABECA/MAE/USP. E-mail: gmoerbeck@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Para um debate mais detalhado e da origem do presente texto acerca da guerra na Antiguidade Clássica, pode-se recorrer a MOERBECK, Guilherme. **Guerra, política e tragédia na Atenas Clássica**. São Paulo: Paco Editorial, 2014.

*adquirida mais rapidamente por meio da atividade predatória do que pela produção* (GELLNER, 1997, p. 167). No mundo contemporâneo há uma clara mudança de orientação na guerra, sobretudo no que diz respeito à amplitude dos segmentos sociais envolvidos nos esforços bélicos. Além disso, a capacidade de destruição das grandes guerras mundiais – quantidade de vítimas em potencial, a atitude de não apenas de vencer o conjunto de soldados inimigos, mas de destruição do outro. Como em todo modelo, é evidente que o autor em questão propôs uma forma de orientação geral; assim, apenas ao olhar cada um dos casos, seja em que temporalidade for, conseguir-se-á desvelar os conflitos bélicos em todos os seus matizes sociais, culturais e econômicos.

### PROCESSO DE MOBILIZAÇÃO PARA A GUERRA: ALGUNS DEBATES

Para o antropólogo René Gallissot não há uma identidade social ou étnico-cultural que guarde seus significados em si, mas sim, a identidade encontra-se num processo relacional, numa dinâmica em que o *outro* é fundamental; o que o antropólogo francês propõe ser chamado de “identificação”. Gallissot sugere este termo, em substituição ao de identidade, por considerar que este último dá a impressão de algo fixo, estático, acabado, e não de uma operação em constante devir (GALLISSOT, 1987, p. 12-27).

Outro autor fundamental acerca dessas discussões é Fredrik Barth. Junto à tentativa de estabelecer uma identificação étnica mediante processos relacionais, encontramos seu conceito de *fronteira étnica*. Barth percebeu que o estabelecimento de fronteiras entre as etnias utiliza a cultura, isto é, toma como base uma seleção de elementos culturais, variáveis no tempo. Deste modo, agrupamentos sociais determinados podem excluir-se mutuamente no sentido étnico. O aspecto mais interessante no conceito de Barth é não lidar com culturas completas que se opõem, mas sim, afirmar que os agrupamentos sociais em processo de constituir-se etnicamente podem escolher determinados elementos de sua cultura, construindo uma

relação de alteridade em contraposição a outros agrupamentos. Na criação das *fronteiras étnicas* assim constituídas, o que está em jogo são as estratégias de identificação e os processos relacionais (BARTH, 1998, p. 185-227).

Um último elemento teórico que deve ser levado em consideração em nossa abordagem é o conceito de *etnicidade embutida* (*nested ethnicity*), proposto por Jonathan M. Hall. A partir desta noção, podemos perceber como, em diferentes sociedades, nos períodos de que tratamos, as estratégias de identificação poderiam ser operadas desde elementos maiores (nação), linguísticos (língua ou dialeto que se fala); religioso ou regional. Isto é, essas variáveis podem servir de catalizadores para a aglutinação ou, ao contrário de dissensão, segundo interesses políticos e econômicos envolvidos nas decisões de se fazer a guerra (HALL, 1997).

No que se refere ao mundo contemporâneo, não são poucos os trabalhos que podem ser aqui citados. Desde os esforços de Eric Hobsbawm em seus *Nações e Nacionalismos* e também em *A Invenção das Tradições*, mas também Benedict Anderson, que fez invulgar análise acerca das formas pelas quais as diferentes *Comunidades Imaginadas* estabeleciam estratégias de pertencimento; até mesmo Anthony Giddens que, em seu *Estado-Nação e violência* mostra os processos que levaram ao desenvolvimento capitalista e à industrialização da Guerra.

Todos esses autores, em diferentes matizes teóricos acabaram por jogar luz ao tema ora discutido. Note-se, por enquanto, apenas que, naquilo que podemos afirmar de maneira bastante breve acerca das configurações dos Estados-nação no pré-guerra, a famosa equação ‘nação=Estado=povo’ nem sempre funciona *stricto sensu*. Portanto, a ideia política de autodeterminação dos povos, tão em voga no pós-guerra, de maneira alguma consegue dar conta dos emaranhados culturais, multilinguísticos e étnicos por meio dos quais se configuravam os países e Impérios de então.

Pierre Bourdieu ressalta como, em situações de conflito, ocorrem choques entre as representações identitárias, e, além disto, sublinha a força

mobilizadora que constituiria uma oposição do tipo nós *versus* eles, deveras pertinente para a análise que faremos. Diz o sociólogo:

[...] os indivíduos e os grupos investem nas lutas de classificação todo o seu ser social, tudo o que define a ideia que fazem de si mesmos, todo o impensado pelo qual se constituem como “nós” por oposição a “eles”, aos “outros”, a que se ligam mediante uma adesão quase corporal. Isto explica a força mobilizadora excepcional de tudo aquilo que tem a ver com a identidade<sup>3</sup>. (BOURDIEU, 1980, p. 69).

Como bem lembra Pierre Bourdieu, muitas vezes as encenações nas grandes cerimônias coletivas que, sabidamente fazem parte da mobilização para a guerra em diversas temporalidades, tem

[...] a intenção sem dúvida mais obscura de ordenar os pensamentos e de sugerir os sentimentos mediante o ordenamento rigoroso das práticas, a disposição regulada dos corpos, e especialmente da expressão corporal da afeição, como risos ou lágrimas. (BOURDIEU, 2009, p. 113).

Considerando os aspectos relativos ao jogo de poder identitário e a excepcional mobilização humana que se deve fazer em momentos de guerra, farei a exposição, a seguir, de duas possíveis abordagens que une, num sentido transcultural de apropriação seletiva, a cultura helena e aquela da Primeira Guerra, na Europa.

<sup>3</sup> Valéria Reis mostrou bem o processo em que uma identidade helênica é forjada na tragédia *Os Persas*. Cf. SANTOS, Valéria Reis. **Entre “ser” e “fazer”: A construção de uma identidade política ateniense nas tragédias de Ésquilo**. Niterói, 2002. Dissertação. (Mestrado em História) - PPGH, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2002, bem como: SOUZA, Marcos Alvaro Pereira de. **Atenas e a invenção dos Bárbaros**. Dissertação de Mestrado. UFF, 1992. E ainda: MOERBECK, Guilherme. **Guerra, política e tragédia na Atenas Clássica**. Jundiaí: Paco Editorial, 2004. Recentemente em artigo, cf. FERNANDES, Pierre Romana. *Ésquilo e “Os Persas”*: repensando a representação do bárbaro. **NEARCO – Revista Eletrônica de Antiguidade**, ano VII, n. 1, 2015. Por fim, trabalho clássico: HALL, Edith. **Inventing the barbarian: Greek self-definition through tragedy**. London: Clarendon Press – Oxford. 1989.

## A GUERRA COMO HONRA

Jean-Baptiste Duroselle, definiu a guerra como um valor [o problema ético na guerra] de diversas formas, seriam elas: 1) a guerra como fresca e feliz – uma atitude de fanfarronice em relação ao conflito. 2) A guerra aceitável – considerada como justa, vista como resposta a uma injustiça, mesmo que a ideia de que a ‘nós’ foi causada uma injustiça variasse profundamente segundo os discursos políticos proferidos em cada país. 3) A guerra condenável, salvo em caso de defesa – é um tipo de atitude pacifista moderada que considera a guerra como uma doença e que deve ser evitada a todo custo. 4) A guerra como absolutamente condenável - é o caso em que a paz é considerado um valor superior e/ou em que há interdições religiosas para fazê-la.

E, por fim, a noção da Guerra como um elemento nobre, de honra. Esta concepção está baseada na noção em que existe um grupo social responsável por fazer a guerra. Sendo assim, ou ela é o mais belo dos ofícios, como o dos nobres cavaleiros medievais, ou se trata de encontrar no tempo greco-romano, no qual havia uma ética específica acerca da guerra (DUROSELLE, 1981).

## E QUE ÉTICA É ESSA?

No mundo homérico [*Iliada* e *Odisseia*]: o guerreiro homérico decidia os combates através de façanhas individuais – como o desafio proposto por Heitor no canto VII da *Iliada* – e o valor se afirmava sob a forma de superioridade pessoal. Além disso, numa sociedade organizada em torno do *oikos*<sup>4</sup>, a função do guerreiro é buscar a glória, a fama, (*kléos; kýdos, aglaós, phaidimós*) e da bela morte (*kalós thanatós*); para isto, a guerra constitui-se na tentativa de destruição do outro, convencendo-o, assim, de sua preeminência.

Uma nota importante, até a Guerra do Peloponeso, os combates empreendidos pelos hoplitas

<sup>4</sup> Comunidade doméstica. Cf. CARDOSO, Ciro Flamarion. **Sete olhares sobre a Antiguidade**. Brasília: UNB, 1994. p. 193-202. e MOSSÉ, Claude. *A Grécia Arcaica de Homero a Ésquilo*. Lisboa: Edições 70, 1989, p. 57-75.

evitavam a destruição das comunidades, e, como também no período Homérico, vinculavam-se a aspectos de cunho religiosos capazes até de sustar a guerra, mesmo que fosse durante um curto período. Havia uma série de normas de conduta, respeitadas, sobretudo entre os helenos, no período anterior à Guerra do Peloponeso. As referidas regras diziam respeito à inviolabilidade dos arautos e dos santuários, assim como aos ritos fúnebres e às festas pan-helênicas (ROMILLY, 1994, p. 282).

No mundo romano republicano, a busca de *dignitas* e *auctoritas* se fazia por meio da participação na guerra. Às primeiras ordens censitárias, a dos Senadores e Equestres se abriam possibilidades de ascensão política (no *cursus honorum*) para a chegada ao Senado. Foi assim que tantos ascenderam, ou ao menos tentaram – apenas para mencionar os mais conhecidos, Caio Mário, Júlio César, Pompeu Magnus, Marco Antônio e Otávio Augusto. Note-se que ao lado da conquista de prestígio por meio da guerra, de capital simbólico para a ascensão na carreira romana, havia grandes recompensas de caráter econômico, como a conquista de terras<sup>5</sup>.

Duroselle enfatizou que:

O advento do nacionalismo, a partir do século XVIII, reanimou a ideia de uma guerra honrada e, até mesmo, sublime. A antiga nobreza continuou amplamente a praticar os ofícios bélicos que, socialmente, não aboliram. Ela [a nobreza], na Alemanha, manteve um papel predominante. Há toda uma literatura, da Marselhesa a Paul Déroulède, que exalta a morte do soldado [...] É a Primeira Guerra Mundial, que, pelas mortes que ela provocou, contribuiu para desenvolver as dúvidas, já existentes aqui e ali, sobre a noção de guerra honrosa (DUROSELLE, 1981, p. 231).

O que queremos enfatizar, aqui, portanto, é que há uma espécie de latência do heroico no mundo

<sup>5</sup> Cf. MENDES, Norma Musco. Inserção e desagregação: Terra e o sistema republicano romano. In: CHEVITARESE, André Leonardo. (org.) **O campesinato na História**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002, p. 87-96. FLORENZANO, Maria Beatriz. **O mundo antigo: economia e sociedade**. São Paulo: Brasiliense, 1982. Col. Tudo é história. N° 39. JOLY, Fábio Duarte. **Escravidão na Roma antiga: Política, economia e cultura**. São Paulo: Alameda, 2005.

moderno, e na ideologia política sobre a guerra, sobretudo no discurso germânico, entre os quais a guerra ainda guardava certa auréola sagrada, de [andrea] na forma como os homens enfrentavam a morte. É nesse sentido que Immanuel Gueiss escreveu um artigo em que enfatiza que os políticos alemães não apenas consideravam a Guerra inevitável, mas a viam como desejável (GUEISS, S.D.).

Havia uma trilha de vitórias que inspiravam a propaganda política da época. As vitórias contra a Dinamarca em 1864, contra a Áustria em 1866 e contra a França em 1870 encheram os generais e o *Kaiser* de confiança quanto ao futuro bélico da Alemanha. Assim como na Antiguidade, a guerra na Alemanha era vista como uma maneira de se fazer a política, embora nem no mundo antigo nem no mundo contemporâneo possamos esquecer os nexos de caráter econômico que subjaziam os interesses das cidades-estados e dos estados-nação. Tanto na Inglaterra quanto na França, o que prevalecia era a noção de que guerras pontuais, limitadas, contra potências de menor porte e nas colônias, eram aceitáveis, mas, sem dúvida alguma, a palavra francesa que melhor define o espírito gálico em enfrentar uma guerra contra outra potência era uma *merde!*

As vitórias obtidas pela Alemanha, sobretudo na Guerra Franco-prussiana, que resultou em sua unificação e fortalecimento da 'Grande Prússia', inflavam os espíritos e deixavam as Erínies sedentas por um novo derramamento de sangue. E nesse sentido, aparecem alguns senhores da guerra, como o Gal. Moltke [vencedor de batalhas importantes como as de Sadowa em 1866 e Sedan em 1870]. Para ele, pior do que a guerra era a paz eterna. Por isso mesmo, para o Gal. Moltke, *a guerra é um elemento da divina ordem natural das coisas* (GUEISS).

E é nesse sentido que, após 1890, se fortalece o pangermanismo e o conceito de *Weltmanchpolitik* [política de poder global]. Noção essa duramente criticada por Max Weber em sua aula inaugural em 1895 na Universidade de Freiburg, que percebia a unificação da Alemanha não como um ponto de chegada; mas, ao contrário, um ponto de partida para a expansão. Possivelmente, Max Weber presentia os dias de luta do porvir. O impulso pela guerra

aparecia também nas palavras de historiadores, como Hans Delbruck, historiador e editor que uma vez escreveu na publicação mensal [*Preussische Jahrbucher*]:

Nós queremos ser uma potência no mundo e desenvolver uma política colonial de grande porte. Isso é certo. Daqui não podemos voltar atrás. O futuro de nosso povo no interior das grandes nações depende disso. Nós podemos pôr em prática essa política, com ou sem a Grã-Bretanha. Com ela significa a paz; contra ela, a guerra (GUEISS).

Foi também no universo musical do pré-guerra alemão que surgiram várias obras de caráter expressionista, tanto de poetas quanto de músicos que acabavam por exprimir, de diferentes maneiras, a sensação de uma Guerra iminente. O expressionismo teve como característica fundamental uma visão interna e psicológica do mundo ao invés de focar em eventos e testemunhos externos. Na música, isso apareceu nas maneiras como se brincava com as tonalidades, o que vai levar ao aprofundamento do atonalismo e, depois, à revolução dodecafônica. Especificamente falando nesse âmbito, temos Arnold Schoenberg, que produziu em 1906, duas baladas para voz e piano, a segunda delas era intitulada *Der verlorene Haufen* [A brigada perdida], com texto de Viktor Klemperer.

Segue uma tradução dos versos:

*Beba! Vocês embriagaram-se pela última vez,  
Agora a investida está para começar;  
Nós permanecemos no front por obrigação,  
Nós somos a brigada perdida.*

*Aqueles que não mais querem mais vaguear,  
Quem tiver os pés cansados,  
Para quem a luz é muito brilhante e o dia muito barulhento,  
Eles juntam-se a nossas fileiras.*

*Beba! O leste está ficando pálido,  
Dentro em pouco os rifles cantarão,  
E quando o primeiro raio da aurora cintilar,  
Eu estarei agitando a bandeira.*

*E quando o sol anunciar o meio-dia,  
A brecha terá sido feita;  
E quando o sol desaparecer,*

*A muralha será posta no chão.*

*E quando a noite cair,  
Deixe-a trazer consigo o seu véu,  
Então nenhuma centelha e nela apanhada,  
Pelas rubras chamas da vitória!*

*Agora, a lua completa o seu silencioso curso,  
No entanto, nós não vimos o seu desaparecer.  
Uma fresca nova manhã aproxima-se,  
E eles virão para recolher nossos cadáveres  
(KLEMPERER, *Der verlorene Haufen*)*

Há pelo menos duas interpretações possíveis. A primeira é a da glorificação da Guerra. Mas, para mim, o que parece mais relevante é o problema em torno da honra. De uma morte honrada na guerra. A coragem que se deve ter diante da morte certa, aquela do herói, diante da fúria de Hades, que se mantém impávido, pois, da memória de seu povo seu nome ressurgirá como um exemplo a ser seguido. O que está em jogo não é a batalha contra o inimigo, mas como os homens se deparam com a morte. Assim, temas como a morte, a ressurreição e a importância de Deus se tornaram temas não apenas relevantes no universo Austro-germânico, mas também em outros países. Isto é mostrado pelos versos de Rupert Brooke - morto em Galipoli (*Now, God be thanked Who has matched us with His hour*); Alan Seeger, morto em 1916, servindo na legião estrangeira da França, escreveu: *I Have a rendez-vous with death*. Sem dúvida alguma, para o caso alemão há a latência do heroico reapropriado: a partir de quais fontes? É um trabalho ainda por se fazer.

## **A GUERRA E A CARACTERIZAÇÃO DO OUTRO: IDENTIDADE E ARTE EM UMA ABORDAGEM TRANSCULTURAL**

A mobilização para a guerra não devia apenas render-se à conscrição fria e calculada. As formas de utilização de determinadas formas de linguagem, em cerimônias coletivas, eram de suma importância para motivar, levantar o moral, enfim, reunir e operar com símbolos que servissem de catalizadores da vontade de defender a sua cidade, de tomar uma região, de fazer a guerra. E o foi assim,

também no mundo grego antigo, a partir do qual eu passo a apresentar dois momentos:

O primeiro deles representa melhor o ano de 480 a.C., com a iminente invasão persa, sob o comando do Imperador Xerxes, contra uma associação de cidades gregas, dentre elas, as mais notórias, Atenas e Esparta. Vejamos o caso de *Os Sete Contra Tebas*, tragédia de Ésquilo Encenada em 467 a.C.

CORO - Ah, deuses todo-poderosos! Ah, deuses e deusas tornados guardiões das muralhas de Tebas, nossa cidade sucumbe ao esforço das lanças: não a entreguem a um exército que fala outra língua! (ESCHYLE. *Les Sept contre Thèbes*, v. 166-170).

Num outro momento (v. 169-170), num estásimo<sup>6</sup>, ocorre uma distinção clara entre os dialetos, de um lado o falar argivo, pertencente ao dialeto dório, e do outro o tebano, que pertence ao eólio. Há neste momento o estabelecimento, neste nível étnico, de oposição do tipo: nós que falamos o eólio, contra “os outros”, que falam o dório. Apesar de, num nível maior, se tratar de helenos nos dois casos, neste patamar (dialeto) observa-se um princípio de autopercepção étnica, que escolhe um elemento cultural funcional de distinção, exagerado a ponto de serem os dialetos tratados como se fossem línguas diferentes.

Ademais, havia a consciência do estatuto do vencido. Os atenienses sabiam que, em caso de derrota, lhes restaria o fim trágico de se tornarem prisioneiros, sofrer a pena capital ou serem escravizados. O desespero das mulheres do coro, que tanto atormentavam o rei tebano Etéocles, em *Os Sete contra Tebas* de Ésquilo é um bom exemplo dos perigos da guerra para os derrotados.

A tragédia *Os Persas*, encenada em 472 a.C., em linhas gerais, representa indiretamente a derrota de Xerxes perante os gregos em Salamina, uma das batalhas decisivas da segunda Guerra Médica. Se formos recorrer à historiografia, veremos que as explicações acerca da vitória grega sobre os persas

estão fundamentalmente ligadas às estratégias militares (neste caso, navais) e à iniciativa de Temístocles [general ateniense] de ter aumentado em muito o número de trirremes de guerra de Atenas nos anos que antecedem a segunda Guerra Médica. Posteriormente, o exército persa ainda seria batido pelo general espartano Pausânias, em Plateia. Entretanto, como veremos na tragédia abaixo, conquanto suas cenas ocorressem na Pérsia, o que estava em jogo é a visão de um grego, Ésquilo, que se utiliza da linguagem do universo trágico e abor-da, por meio desta perspectiva, a derrota de Xerxes.

RAINHA ATOSSA [ao coro] - Eu sonhei que duas mulheres de belas vestimentas, uma ataviada em veste persa, a outra em roupa dória, apareceram diante de meus olhos; ambas eram, em estatura, bem mais impressionantes do que as mulheres de nossa época, em beleza, perfeitas, irmãs da mesma linhagem. No tocante ao sítio em que moravam, uma havia recebido pela sorte a terra da Hélade, a outra, a dos bárbaros. Cada uma, segundo achei, parecia provocar a outra a mútua peleja; e meu filho, percebendo isso, tratou de restringi-las e acalmá-las, e jungiu-as ambas ao seu carro, colocando os arreios em seus pescoços. Uma delas manteve-se orgulhosamente em tal situação, e sua boca obedeceu às rédeas. A outra se debateu e com suas mãos rompeu o varal do carro; e então, livre do jugo, arrastou-o violentamente consigo, quebrando-o. Meu filho foi derrubado por terra e seu pai Dario, de pé ao seu lado, compadeceu-se dele. Mas Xerxes ao vê-lo, rasgou suas roupas sobre seus membros (AESCHYLUS. *The Persians*, v. 181-199).

Os gregos, no texto em questão, são majoritariamente mencionados pelo nome da cidade de Atenas (v.78; 234; 236-239; 824; 1011-1012) e também como jônios. Numa escala menor, os gregos são chamados de dórios, ou seja, espartanos (v. 817). Há também momentos em que a Grécia recebe uma alusão em termos genéricos, como “helenos” ou “Hélade” (v. 186-187; 796). Os processos de identificação, nas referências acima, delimitam, no caso dos persas, sua relação estreita e seu pertencimento ao território da Ásia, bem como seu domínio, lá, sobre muitos outros povos.

Outrossim, uma relação metonímica foi estabelecida entre jônios (Atenas), dórios (Esparta)

<sup>6</sup> Espécie de ato, no qual há diálogo entre personagens e é intercalado pelas entradas do coro (*parodos*).

e o mundo grego. Isto reflete, provavelmente, a importância maior das duas *póleis* em relação às demais no contexto da época e da própria guerra contra os persas. A retumbante vitória em Salamina, ao menos como nos é relatada por Ésquilo em *Os Persas*, sugere a existência do fortalecimento dos laços identitários entre os helenos em contraste com os bárbaros. Isto, mesmo que tenhamos de levar em conta que este “pan-helenismo” era restrito, sobretudo ao mundo espartano-ateniense e, que também foi composto por variáveis que acabaram construindo uma união que ressaltava seletivamente as diferenças<sup>7</sup>.

Consideremos agora, ano e contexto mudados. Estamos em 424 a.C. Digladiam-se não mais gregos e persas, mas os gregos entre si. A terrível Guerra do Peloponeso, para alguns aquela que teria sido o primeiro exemplo de Guerra Total, opunha Atenienses e seus aliados contra Espartanos e seus aliados. E assim, Eurípides expôs na tragédia, *As Suplicantes*, uma visão sobre os espartanos.

ETRA: Vês? Tua pátria mantém seu olhar feroz e altivo quando imprudentes dela zombam: pois onde se trabalha duro<sup>8</sup>, cresce o poder. As cidades sombrias agem por meio de segredos e olham temerosamente<sup>9</sup>. (EURIPIDES, *As Suplicantes*, v.321-5).

A seguir, o rei de Argos, que pede auxílio aos atenienses, se pergunta retoricamente:

ADRASTO: Por que atravessas o Peloponeso e debruça esta tarefa sobre Atenas? (EURIPIDES, *As Suplicantes*, v. 184-5).

<sup>7</sup> As diferenças de caráter étnico entre os helenos não são uma mera construção; existem elementos como a língua, a religião e mitos de origem que podem realmente sustentar um processo de identificação. No entanto, como pode ser visto em algumas tragédias, de acordo com o momento político vivido pelas *póleis*, a ênfase dada a certos aspectos ligados à etnicidade variava bastante.

<sup>8</sup> *πόνουσιον* – *πόνος* – ligado à labuta, trabalhos manuais que envolvem algum tipo de sofrimento.

<sup>9</sup> *δ'ῆσυχαι* – adjetivo que se refere a noção de cautela, quietude; associada aqui aos tebanos e que também surge, mais adiante no discurso de Adrasto.

Adrasto, então, justifica-se dizendo que, Atenas é a única além de Esparta que poderia levar a cabo este tipo de empreendimento, pois as outras cidades são fracas e pequenas. E por que não pedir ajuda então à Esparta? Adrasto caracteriza esta cidade como selvagem e não inspiradora de confiança<sup>10</sup>.

MENSAGEIRO [relatando fala de Teseu]: Jovens! Se vós não suportais as fortes lanças de Esparta, os quartos dos lares dos homens de Palas estarão arruinados (EURIPIDES, *As Suplicantes*, v. 711-3).

MENSAGEIRO: Este é o tipo de general que se deve escolher, um homem que é bravo na hora do perigo e que odeia um povo insolente, aquele que em sua prosperidade tenta galgar o degrau mais alto da escada, e perdem a bênção que poderiam estar gozando (EURIPIDES, *As Suplicantes*, v. 726-30).

Tebas, cidade insolente, vista negativamente em unísono com Esparta na peça, foi marcada pelo símbolo da autocracia de seu governo tirânico que, na visão dos atenienses, é altamente nocivo. Destrói os jovens valorosos e concentra a justiça e decisões nas mãos de um único homem. Ao passo que a democracia, sistema em que o povo governa por meio do revezamento de seus magistrados e que tem em sua base jurídica leis escritas que garantem a igualdade, é o ambiente da participação popular, da

<sup>10</sup> Tal tipo de ambiente discursivo em relação a Atenas e Esparta foi retomado por Tucídides em sua obra, pois, este afirma que, os coríntios, ao relatarem as agressões de Atenas contra a Potideia e a Cócira, reclamam da postura de Esparta, enquanto elogiam Atenas. Na medida em que esta aparece como inovadora; rápida na concepção e execução de seus desígnios; aventureira e confiante. Do lado dos atenienses está a prontidão, enquanto os espartanos procrastinam para tomar alguma atitude. Ademais, os lacedemônios são caracterizados como conservadores, sem criatividade e sem impetuosidade. Certamente, os Coríntios tinham do que reclamar de seus aliados espartanos antes do início da Guerra do Peloponeso; mas a verdade é que, como já mostrado anteriormente, havia motivos para que os espartanos evitassem, ao máximo, quebrar a trégua existente entre eles e os atenienses. Cf. TUCÍDIDES. *A História da Guerra do Peloponeso*, 1.68-9 e, especialmente 1.70.

*isegoria*<sup>11</sup> e da liberdade. Atenas é o símbolo maior da democracia no universo ficcional de Eurípides.

Atenas, a protetora da justiça, dos desafortunados, a defensora da virtude dos valorosos mostra seu lado audaz àqueles que desrespeitam as leis imutáveis que atingem a todos na Hélade. Teseu, jovem guerreiro, líder nato, audaz sem ser desmedido, diplomático sem fraquejar nas decisões mais difíceis, equilibrado e que luta por causas justas. É como todo cidadão ateniense deveria ser; um exemplo. Eurípides tece um elogio de Atenas, mas de uma própria e singular Atenas. Aquela em que Teseu trava as justas guerras e não a cidade em que vivia o cada vez mais pessimista trágico de *As Suplicantes*. E como nela o teatro retratou os pensamentos da época.

Acima, a mobilização política em torno da cidade de Atenas, em um nível se dá pela caracterização positiva da mesma, por outro, leva em consideração o 'outro' – o bárbaro estrangeiro, ou o grego tornado bárbaro (o tebano e espartano) para construir a sua própria imagem, inclusive como defensora do sistema democrático, o que não foi possível desenvolver aqui. Outra forma de mobilização para a guerra apareceu tanto no mundo grego antigo quanto na Primeira Guerra Mundial e nessa, a figura das crianças aparece em plano central. Ainda na tragédia *As Suplicantes*, em uma fala do Arauto tebano, tem-se a seguinte afirmação:

ARAUTO: Todavia, todos os homens que sabem o mais forte dos dois discursos, tanto os auspiciosos, quanto os maus, [sabem] tanto quanto, que o tempo de paz é melhor para os mortais do que a guerra. Enquanto esta é adorada pelas musas, é odiada pelo espírito da vingança, [a paz] é o encanto das agradáveis crianças, o regozijo para a riqueza. Nós, inúteis mortais deixamos essas coisas boas de lado, iniciando guerras e escravizando a parte mais fraca; homens escravizando homens e cidades a cidades (EURIPIDES, *As Suplicantes*, v. 486-493).

Ainda durante a Guerra do Peloponeso, a comédia, *A Paz*, de Aristófanes, é apenas um dos exemplos possíveis de críticas à guerra.

TRIGEU: Nós oraremos aos deuses a dar aos gregos a riqueza, que todos nós possamos colher a cevada em montes, vinho e figos para devorar, que nossas mulheres possam dar à luz, que nós possamos nos unir de novo, as bênçãos que nós perdemos, e que a vermelha guerra possa ter fim. (ARISTOPHANES. *Peace*, v. 1320-1328).

Durante a Primeira Guerra, não foram pequenos os esforços de mobilização que operaram por meio da imagem da criança e da infância. Note-se que o símbolo da infância era meio e fim, isto é, era utilizado como propaganda para obter recursos para auxiliar os órfãos da guerra e para mobilizá-los em torno da própria guerra.

Um dos arautos mais importantes nesse sentido foi Edith Wharton, que organizou em 1915, em Nova Iorque, o *Children of Flanders Rescue Committee*. No início de 1916, por meios dos esforços de E. Wharton, foi lançado o *Le livre de sansfoyer* (*The book of homeless*), que contou com a participação de inúmeros artistas, intelectuais, políticos e militares da época. De alguma maneira, ali estavam compiladas uma antologia de poemas, músicas, pinturas e outras expressões artísticas que fizeram parte dos esforços de arrecadação de fundos para a guerra.



<sup>11</sup> *Isegoria* – direito dos cidadãos à intervenção por meio da fala nos tribunais e assembleias atenienses.



Tanto na poesia, nas artes plásticas, quanto em várias obras musicais, houve um notório esforço em se caracterizar o alemão como um bárbaro impiedoso. Isso não é muito diferente daquilo que fizeram Ésquilo em relação aos persas e depois, Eurípedes em relação aos tebanos e espartanos. Todos eles trabalharam a configuração negativa da imagem do outro para ressaltar os aspectos positivos dos atenienses. Também foi feito assim, durante a Primeira Guerra, mas com uma significativa ênfase nas injustiças e abusos cometidos pelos alemães e a mobilização da imagem da criança. Ser frágil, geralmente é associado aos mais belos e ternos sentimentos humanos aparece relacionado à crueldade de uma guerra movida por máquinas cinza, homens impiedosos, ambiciosos por poder e honra. Em contraposição ao soldado aliado, geralmente mostrado como gentil e fraterno, temos a figura do impiedoso alemão, como em desenho de Edmund J. Sullivan, intitulado: *'The gentle german'* e a seguinte *"Kaiser Garland"*.



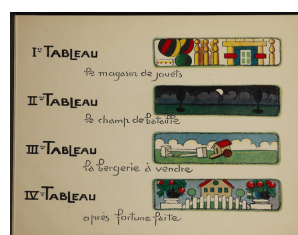
Nesse mesmo sentido, temos um pôster feito pela associação *Fatherless Children of France*<sup>12</sup> em

<sup>12</sup> *Fatherless children of france* – organização criada em Nova Iorque para ajudar as crianças menores de 16 anos que tiveram seus pais mortos durante a guerra. Em 1954 havia 54 orfanatos vinculados. Os fundos eram coletados em comitês nos EUA, em 1917 havia 128 deles. A ideia é que os norte-americanos adotassem financeiramente essas crianças. Os fundos arrecadados eram enviados à França pelo banco J-P. Morgan e distribuídos às famílias e orfanatos pelo correio francês.

homenagem aos trabalhos da Cruz Vermelha Americana, de 1918. Esses foram produzidos por Walter de Maris, que fora cartunista de humor, que publicou com frequência no periódico *The Saturday Evening Post*, publicado de 1823-1969 e que tem suas raízes na *The Pennsylvania Gazette* que pertenceu a Benjamin Franklin. A revista publicava contos, poesia e vários tipos de *cartoons* como os do artista em questão.



A literatura juvenil também foi alvo de inúmeras obras que, de alguma maneira, ajudavam a inculcar ideias de patriotismo e mostrar o importante papel da guerra. Mostravam que, a mobilização ideológica da juventude nos esforços de guerra também era importante. Há exemplos desse tipo de obra em vários países, desde a Áustria, Alemanha, Inglaterra até a França. Até mesmo a figura do herói infantil que se sacrifica por seu país apareceu em algumas obras, dentre elas podemos mencionar as de Charlotte Schaller's (*En guerre; Histoire d'une petit soldat* (1915)); mas também a *Petite bibliothèque de la Grande Guerre* e, especialmente, as de André Hellé, que fez as ilustrações e figurinos para o lançamento de obra para piano em 1913, que depois foi transformada em Ballet para crianças 1918: *La boîte à joujoux* (a caixa de brinquedos de Claude Debussy).



Segundo Gleen Watkins, do qual, deve-se fazer justiça, veio boa parte das informações e inspiração para se escrever esse texto, o interesse de Debussy era menos pelo universo lúdico infantil, do que pela tentativa de comparar a criança, o brinquedo e o adulto em um mundo que, ao compositor, parecia cada vez mais ameaçador (WATKINS, 2003).

No universo musical, são notórias as relações com a guerra que encontramos em algumas obras. Otto Maria Carpeaux ressaltou, em livro clássico, que sem dúvida alguma, *A Sagração da Primavera*, de Igor Stravinsky, pode ser considerada como uma das obras mais significativas do pré-guerra, que antecipam os horrores do sacrifício humano pela sua terra, sobretudo quando o compositor em questão busca em raízes eslavas e citas elementos para, ao fim, na *Danse Sacrale*, a última ária do segundo ato do ballet, entregar um sacrifício humano para que se pudesse animar a Yarilo, o deus-sol da primavera (CARPEAUX, 2001). No entanto, é menos de Stravinsky e mais de seu ‘amigo’, Claude Debussy, do qual quero tratar. Isso porque Debussy criou duas peças no período da guerra que se ligam, primeiro a uma crítica ao inimigo alemão e segundo por meio da mobilização do símbolo da criança/infância.

Na primeira delas, na cantata natalina, de 1916, “*Noel des enfant qui n’ont plus de Maison*”- ressalta de maneira significativa o destino de crianças que ficaram sem casa durante a guerra. Segundo Gleen Watkins, “*A música foi a mais pessoal proclamação artística de Debussy no que concerne o devastador impacto do prolongado conflito* (WATKINS, 2003, p. 189).

Nós não temos lar!  
 O inimigo os tomou todos, os tomou todos,  
 Até a nossa pequena cama!  
 Eles queimaram a escola e o diretor da escola também,  
 Eles queimaram a igreja e o senhor Jesus Cristo,  
 E o pobre ancião que não podia fugir!  
 Nós não temos lar!  
 O inimigo os tomou todos, os tomou todos,  
 Até a nossa pequena cama!  
 É claro! Papai está longe, na guerra,  
 Pobre mamãe estava morta!  
 Antes de ver tudo isso.  
 O que nós devemos fazer?  
 Natal, pequeno Natal! Não vá para eles.

Puna-os!  
 Vinga os filhos da França!  
 Os pequenos belgas, os pequenos sérvios,  
 E os pequenos Poloneses também!  
 Se esquecermos de alguém, perdoai.

Natal! Natal! Sobretudo sem brinquedos,  
 Tente apenas nos dar o nosso pão de cada dia.  
 Nós não temos lar!  
 O inimigo os tomou todos, os tomou todos,  
 Até a nossa pequena cama!  
 Eles queimaram a escola e o diretor da escola também,  
 Eles queimaram a igreja e o senhor Jesus Cristo,  
 E o pobre ancião que não podia fugir!

Natal! Escutai,  
 Nós não temos sapatinhos:  
 Mas dá a vitória às crianças da França. (DEBUSSY,  
***Noel des enfant qui n’ont plus de Maison***).

O poema acima caracteriza o inimigo como monstro, a antítese da civilização. O alemão na visão da cantata em questão é o que destrói os lares e escolas das pequenas e indefesas crianças, que não respeita os anciãos e que, em sua soberba, os gregos diriam *hýbris*, destrói até mesmo os templos sagrados. A destruição da família, dos sonhos, do universo onírico e lúdico das crianças extravasa ao final no desejo de sangue, de vingança. Assim, doravante, as Erinies estarão esperando, por mais alguns milhões de mortos, na Segunda Guerra Mundial.

A guerra torna mais visível os processos de autopercepção étnica. O que se tentou fazer aqui, de diferentes maneiras, foi mostrar as estratégias, que vinculam formas de expressão artística e ideologias que são enfatizadas em momentos de crise e conflito, pois, o que está em jogo é também a produção de um discurso para o porvir, dos heróis e vilões, enfim de uma memória social. Em Debussy, Stravinsky, Schoenberg, Ésquilo, Eurípides, ou ainda nos desenhos de André Hellé e de Edmund J. Sullivan, a literatura, as artes plásticas e a música podem abrir possíveis leituras do passado, especialmente nas formas simbólicas e nas metáforas que encontramos nas obras brevemente trabalhadas nesse ensaio.

**A TALE OF TWO CITIES: AN ESSAY ABOUT  
THE MOBILIZATION TO THE WAR IN ANCIENT  
ATHENS AND IN THE PARIS OF THE WORLD  
WAR ONE**

**Abstract:** This essay is a pastiche. It is a set of reflexions that I have been making during my master, PhD, up to a symposium that occurred in the Naval Museum of Rio de Janeiro, 2014. The paper is divided in three parts: During the first part, I shall analyse broad concerns about the war combats, laying emphasis on the ethnic process of identifications and how these works as a sort of a source power to mobilize people to go to the battlefields. Secondly, I'll focus on how, in the contemporary world, especially widespread in the German field in the First World War, was built and share an ideology which concerned a kind of ancient hero ethic. I called it as the latency of the heroic. Then, in the final part, I'll try to argue how the war is a special locus where the strategies of identification are used to differentiate ethnically the actors involved.

**Keywords:** War; Identity; Classical Greece; World War One; Art; Greek Tragedy.

## DOCUMENTAÇÃO TEXTUAL

AESCHYLUS. **Aeschylus in two volumes.** Trad. Herbert Weir Smyth. Cambridge (Mass.) - London: Harvard University Press - William Heinemann, 1988.

ARISTOPHANES. Peace [v. 1320-1328]. Apud: FERGUSON, John e CHISHOLM, Kitty. **Political and social life in the great age of Athens.** London: The Open University, 1978, p.98.

ESCHYLE. **Les Sept contre Thèbes.** Trad. Paul Mazon. Introdução e notas de Jean Alaux. Paris: Les Belles Lettres, 1997.

EURIPIDES. **Suppliant Women.** Trad. David Kovacs. Cambridge: Harvard University Press 1998, Loeb Classical Library, v.III.

THUCYDIDES. **The Peloponnesian War.** Translated by: Martin Hammonf. Oxford: Oxford University Press, 2009.

KLEMPERER, V.; DEBUSSY, C.; HELLÉ, A. SCHOENBERG, A. Apud: WATKINS, Glenn. **Proof through the night: Music and the Great War.** Los Angeles: University of California Press, 2003.

<http://www.pulpartists.com/DeMaris.html>

<http://www.americanartarchives.com/demaris.htm>

<http://www.artnet.com/artists/walter-de-maris/past-auction-results>

## BIBLIOGRAFIA

BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe e STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade seguido de Grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth.** Trad. Elcio Fernandes. São Paulo: Editora da UNESP, 1998, p. 185-227.

BOURDIEU, Pierre. "L'identité et la représentation". **Actes de la Recherche en Sciences Sociales**, n. 35, 1980, p. 63-72.

\_\_\_\_\_. **O senso prático.** Trad.: Maria Ferreira. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 113.

CARDOSO, Ciro Flamarion. **Sete olhares sobre a Antiguidade.** Brasília: UNB, 1994.

CARPEAUX, Otto Maria. **O livro de ouro da música.** Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

DUROSELLE, Jean-Baptiste. **Tout empire péira: Une vision théorique des relations interationelles.** Paris: Sorbonne, 1981.

FERNANDES, Pierre Romana. Ésquilo e "Os Persas": repensando a representação do bárbaro. **NEARCO – Revista Eletrônica de Antiguidade**, ano VIII, n. 1, 2015.

FLORENZANO, Maria Beatriz. **O mundo antigo: economia e sociedade.** São Paulo: Brasiliense, 1982.

GALLISSOT, René. Sous l'identité, le procès d'identification. **L'Homme et la Société**, n. 83, 1987, p 12-27.

GELLNER, Ernest. **Antropologia e política: Revoluções no bosque do sagrado.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

GUEISS, Immanuel. **Os homens que desejavam a guerra.** Sl. Sd.

HALL, Jonathan M. **Ethnic in Greek Antiquity.** Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

HALL, Edith. **Inventing the barbarian: Greek self-definition through tragedy.** London: Claredon Press – Oxford. 1989.

JOLY, Fábio Duarte. **Escravidão na Roma antiga: Política, economia e cultura.** São Paulo: Alameda, 2005.

MENDES, Norma Musco. Inserção e desagregação: Terra e o sistema republicano romano. In: CHEVITARESE, André Leonardo. (org.) **O campesinato na História.** Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002, p. 87-96.

MOERBECK, Guilherme. **Guerra, política e tragédia na Atenas Clássica**. São Paulo: Paco Editorial, 2014.

MOSSÉ, Claude. **A Grécia Arcaica de Homero a Ésquilo**. Lisboa: Edições 70, 1989.

ROMILLY, Jacqueline de. Guerre et paix entre cités. In: VERNANT, Jean-Pierre (org.). **Problèmes de la guerre en Grèce ancienne**. Paris: Éditions de l'École des Hautes Études en Sciences Sociales, 1994.

SANTOS, Valéria Reis. **Entre “ser” e “fazer”: A construção de uma identidade política ateniense nas tragédias de Ésquilo**. Niterói, 2002. Dissertação. (Mestrado em História) - PPGH, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2002.

SOUZA, Marcos Alvito Pereira de. **Atenas e a invenção dos Bárbaros**. Dissertação de Mestrado. UFF, 1992.

\_\_\_\_\_. **A guerra na Grécia Antiga**. Rio de Janeiro: Ática, 1988.

WATKINS, Glenn. **Proof through the night: Music and the Great War**. Los Angeles: University of California Press, 2003.